

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

Design da coleção: Undo
Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Tiragem: 1000 exemplares
1.ª edição: novembro de 2014
ISBN: 978-972-27-2299-5
Depósito legal: 371 201/14
Edição n.º 1020004

O DEMONIO DO OURO

ROMANCE ORIGINAL

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

I VOLUME

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA E COMP.^A

68 – Praça de D. Pedro – 68

1873

PRIMEIRO VOLUME

João Veríssimo Vieira, mestre de primeiras letras na vila da Póvoa de Lanhoso, em 1750, era homem de bem, e suficientemente entendido no seu magistério. Tinha estudado para padre, e prometia então, com o porte exemplar de sua mocidade, vir a ser modelo de clérigos; mas, aos vinte e um anos, quando já revestia sobrepelez e garganteava salmos nos mortuórios, viu em hora esquerda uma pobre quanto esbelta moça de olhos tão feiticeiros que não houve mais desenliçar-se dela.

Estes amores correram clandestinos até ao lance em que lhe cumpria ao minorista desviar-se da vereda do sacerdócio para caminho mais insilveirado de espinhos, como usa ser o da honra quando ela por aí vem a remediar culpas.

João Veríssimo, apesar de seus pais, que antepunham a batina à honestidade do filho, casou pobre, e começou desde logo a ensinar rapazes na Póvoa de Lanhoso, saindo da freguesia de Geraz, donde era natural.

E vivia resignado, se não contente, instruindo-se nas horas feriadadas do ensino, e esperando que o pai, mais ao diante, lhe perdoasse por amor de Deus e por amor à honra.

Debalde esperou.

Quando nasceu a primogénita de quem ele fiava a reconciliação com a família, o avô não quis ser padrinho. A recusa doeu-lhe no coração de pai, mas levemente perturbou a serenidade do

homem probo. Dizia ele com a filha nos braços e as lágrimas na face:

– Olha, mulher, se esta inocentinha não fez o milagre de me restituir a amizade de meus pais, é que Deus o quer assim, e não há que esperar. Vivamos, como até aqui, do nosso trabalho.

– Pois sim; – dizia Luísa, menos paciente – mas teu pai é mau homem! Isso é ele!

– Não é mau; é do barro comum – emendava o marido – Tinha vontade de ter um padre em casa, porque o lavrador vizinho ordenou o filho. Se este desejo procedesse do sentimento religioso, e não da vaidade, meu pai ter-me-ia obrigado a casar contigo, a querer eu mentir a Deus e à sociedade, manchando o hábito sacerdotal; mas a vaidade pode mais que o dever nas pobres almas ignorantes dos lavradores, onde a religião não entra acompanhada dos preceitos de bem-viver neste mundo.

– Pois, sim, sim; – tornava Luísa, percebendo pouco das serenas reflexões do homem – teu pai é tão ruim de condição que te não há de deixar nada... Tu verás, João...

– Alguma coisa me deixará; e, se não deixar, Deus lhe não peça contas à sua alma, que eu por mim dou-as por salgadas.

Este filial e cristianíssimo propósito seria bastante útil à alma do lavrador no outro mundo, para onde foi, depois de haver dado o melhor do casal a outro filho, e inredado em hipotecas fraudulentas o restante da fazenda, por tais artes que João Veríssimo apenas herdou umas courelas que lhe não rendiam o pão de dois meses. Mas, se os votos de Luísa pesarem na balança do supremo juízo, o lavrador penará no abismo eternamente, dado que o marido, por sua parte, quando a esposa lhe praguejava o pai, mentalmente pedisse a Deus perdão para a alma do defunto, e também para a ambição desculpável da mulher, que aleitava com seio mal nutrido uma filha criada para a extrema pobreza.

Esta filha era uma criança em extremo linda. A mãe havia sido uma das mais bonitas moças de Geraz, onde as houve de tal

fama que já o padre Carvalho, na *Chorografia*, nota de «formosas e presumidas» as raparigas daquele sítio.

Chamou-se Eulália a menina.

Como a sua infância passou ao abrigo dos ardores e frios do clima, o alvor do rosto e mimo infantil não desbotaram, como acontece às raparigas das aldeias, cuja beleza desmerece cedo. Eulália era as alegrias e desvelos de João Veríssimo, que indiscretamente a ia educando como se dali houvesse de passar à sociedade, às salas, às cidades, onde a inteligência e graças espirituais das mulheres dão realces à formosura. Luísa, bem aconselhada pela própria ignorância, desavinha-se com o homem à conta dos estudos da rapariga; e, se as palavras eram ineficazes, arrancava às mãos de Eulália o livro, e punha-lhe a roca na cinta.

Não obstante, a menina, antes dos sete anos, lia correntemente, e argumentava em aritmética, e no mais, com Manuel, o melhor discípulo de João Veríssimo.

Este Manuel era um rapaz nascido em Rendufinho, filho duma jornaleira, que morrera quando ele fazia um ano. Não tinha pai, pela mesma razão que a mãe não tivera marido. Se entre os homens, que passaram à porta da choupana, onde a jornaleira estava amortalhada, ia o pai da criancinha que chorava em um berço de canastra, ele não se abaixou a tomar o órfão nos braços.

Manuel até aos cinco anos criou-se no regaço da Providência. Só esta palavra divina explica o viver daquele menino, que mendigava quando ainda não sabia proferir a palavra «pão»; e dormia, sereno e lívido como um anjo de mármore, as noites de dezembro, nos alpendres dos lavradores e nos degraus dos cruzeiros.

Quando prefez seis anos, apareceu na Póvoa em companhia de outros rapazinhos que iam à lição, com os seus saquitéus à bandoleira, onde levavam o alfabeto, a cartilha, a sentença, o pão da merenda, e o atarrachado tinteiro de chifre, com pena de pato. Manuel seguira-os embelezado naqueles utensis escolares. Viu-os entrar na escola, e foi depós eles, apesar de o empurrarem com desabrimento.

– Que é isso?! – perguntou o mestre.

– É este rapaz, que não é da lição, e quer entrar – respondeu um dos discípulos.

– Deixem-no entrar! Quem lhes deu a vocês o atrevimento de repelirem quem quer entrar na minha casa? Vem cá, rapaz!

O pequeno entrou aiosamente, bem que as lágrimas lhe apontassem nas pálpebras.

– Porque choras? Aqueles bateram-te? – tornou o professor.

O pequeno olhou contra eles, e abafou o queixume. Via-se que o hábito de sofrer e chorar sem carpir-se lhe havia extraído nas lágrimas o agro-doce da vingança.

– Que queres tu? Donde és?

– De Rendufinho.

– Quem é teu pai?

– Não sei. Minha mãe morreu há muito... Deus lhe fale n'alma.

Um moço já espigado, que o conhecia, explicou ao mestre que o rapazito era filho duma jornaleira, e andava às esmolos, e a dormir por aí, sabia Deus onde.

– Mas admiro que teu pai, o rico alferes de Cima-de-Vila, não saiba onde Deus quer que durmam os pobrezinhos! – disse o mestre em tom agastado – Teu pai é um lavrador de mão cheia, e este menino órfão e esfarrapado era filho de uma jornaleira que vendia por baixo preço o seu suor a teu pai... Ah! ricos, ricos...!

E, voltando-se para o rapazinho, continuou:

– Tens fome? Queres comer?

– Não, senhor; já comi caldo na casa do Eiró. Vou lá todos os dias à esmola.

– Então que queres?

– Queria aprender a ler.

João Veríssimo deteve-se alguns instantes a contemplar o menino. Neste exame silencioso, não se cuide que o mestre lhe andava devassando as bossas da inteligência, ou a descortinar se na fronte

escampada lhe preluziam brilhantes destinos. Nada disso. No que ele cismava era em vestir e alimentar a criança – precisões que ele antepunha à caridade de o ensinar.

– Senta-te ali, rapaz – mandou o mestre, apontando-lhe a extrema inferior de um dos seis bancos paralelos.

Manuel sentou-se com tanto acanhamento quanta era a alegria que lhe pulava nos olhos.

Às duas da tarde, hora da merenda, João Veríssimo saiu da vasta quadra da escola, recomendando ao rapazio que se portasse com juízo, e levou consigo o pequeno.

– Quem é este rapaz tão roto?! – perguntou Luísa.

– É um pobrinho que quer saber ler.

– Boa vai ela! – disse a precavida mulher, já receosa das costumadas liberalidades do marido.

– Vê se lhe dás alguma coisa de merendar – disse o mestre.

– Tenho aqui metade do meu pão e peras da merenda – acudiu Eulália.

– Dá-lhe o pão e as peras, filha – aprovou o pai.

A pequena foi ao seu açafatinho, tirou de lá o que tinha, e levou-o ao pequeno.

– Deus lhe dê saúde – disse Manuel, recusando brandamente a esmola – eu agora não tenho fome.

Insistiu o mestre, e o rapaz aceitou; mas, em verdade, não tinha fome: o júbilo de se ver na escola, como ele depois dizia, pusera-lhe um nó na garganta.

– Este pequeno – disse João à mulher que estivera observando o caso em silêncio e mal assombrada – fica por enquanto conosco.

– O quê?! – acudiu Luísa.

– Fica em nossa casa até ver se algum proprietário da Póvoa o aceita para moço, e consente que ele frequente a escola.

– E, se ninguém o quiser?

– Quero-o eu.

– Para moço! Temos grandes posses para ter criados...

– Também não é preciso tê-las grandes, mulher. Ah! Luísa, Luísa! Tomara-te eu menos ambiciosa, e serias mais feliz... Muito pobre imaginas tu que é Deus! Dizes todos os dias: «Creio em Deus Pai, criador do céu e da terra»; e receias que o Pai, autor de todas as riquezas que contêm o céu e a terra¹, não tenha para esta criança um caldo e uma enxerga...

– Ele terá, eu é que não... – replicou rebeldemente a mulher, que era o tipo comum das cristãs das nossas aldeias, as quais destampam às vezes em remos demonstrativos de que a ironia com as coisas divinas também se encontra em espíritos brancos por onde não passou o suão ardente da dúvida.

João Veríssimo era bom; mas não era pusilânime com sua mulher. Enquanto ele contradissesse, Luísa questionava; porém logo que o marido arrugasse a testa, e friccionasse um beijo no outro, calava-se ela.

Assim sucedeu com o agasalho do órfão.

Alegrava-se o caridoso homem, vendo Eulália abeirar-se do mocinho maltrapido, e fitá-lo com ar de compaixão.

O pequeno, olhando-a com o encolhimento do respeito, parecia adivinhar a piedade que inspirava àquela criatura, linda como os anjos do painel da Senhora da Assunção, que ele vira na igreja de Sobradelo.

O mestre não dormiu bem sossegado naquela noite, posto que o dormir, quando a caridade nos acalenta o sono, haja de ser dulcíssimo.

– Que tens que não pegas a dormir, João? – perguntava Luísa estranhando-lhe a vigília – Em que dianho pensas?

– No rapazinho.

– O rapazinho está a dormir, homem! Que mais queres?

– Quero ver se lhe dou pai; ora aqui tens o que eu quero, mulher.

– Se lhe dás pai? Em boa te vais meter!... Como hás de tu dar-lhe pai, se ele o não tem?... Sabes tu que mais? Olha se dormes... Tu dás em doudo!...

Atilada mulher! Voltou-lhe as costas, e adormeceu.

E ele continuou a cismar.

À primeira luz da manhã, ergueu-se.

Era dia santificado.

Deixou a mulher a dormir, beijou a face da filha, alumiada pela projeção da luz froixa do oratório, orou à imagem de Jesus crucificado, e saiu na direção de Rendufinho.

Era o alvorecer de um dia ameníssimo de agosto.

As músicas, que ressoavam nos arvoredos agitados pelas quentes lufadas do sol nascente, harmonizavam com o contentamento daquele obreiro obscuro e feliz. Ali não ia o deserdado, raivando contra a sociedade que o deixara desbalizar do seu património. Como se tivesse pejo e escrúpulo de confessar sua pobreza em meio dos milhares de esplêndidas obras, o homem, que tinha a riqueza numa filha, relançava os olhos por de sobre os zimbórios e torres das casas ricas, enquanto os olhos da alma iam embevecer-se no sorriso da filha adormecida.

E o que ele não via ao dobrar uma colina donde se enxerga entre verduras a igreja de Rendufinho a alvejar!

Sobranceando a Póvoa, negrejava o castelo de Lanhoso, ereto em rocha, recortado de ameias, lardeado de bastiões, golpeado de seteiras, ali perpetuado, rebatendo as injúrias de nove séculos, imagem, símbolo da raça forte que, ao passar por lá, empedrou um dos seus gigantes, como vigia eterna das gerações que se desforçam a camartelo da sua vergonhosa² afeminação. Ali o primeiro Afonso

... a mãe, que tão pouco o parecia

... em ferros ásperos atava*

Lá foi que D. Rodrigo Gonçalves Pereira de Berredo, esposo atraído por um frade de Bouro, pegou o fogo pelos quatro ângulos, assando a esposa, o frade, os criados, as bestas, tudo, criminosos e inocentes, desde a adúltera até ao frade, o frade talvez

* Camões, *Lus. CANT. III, est. XXXI e XXXIII.*

inocentíssimo, embora o genealógico D. Pedro, conde de Barcelos, mentiroso como todos os linhagistas, referindo o caso, duvide da inocência do monge.

Ao nascente, surgia d'entre copas de carvalheiras seculares a Torre dos Godinhos, onde vivera o conde D. Fafes Serrazim de Lanhoso, o rico-homem, pai de D. Godinho, e avô de D. Fafes Luz, fundador de Fafe. Não vá o leitor, enganado por mim, à cata da torre solarenga dos Godinhos. Há menos de trinta anos que o paço feudal foi aluído. Da pedra enegrecida por dez séculos, e talvez esquadriada por mãos de suevos, fez-se a parede de um chavascal, e uma cozinha de casa alagartada de azulejos, onde provavelmente mora e ingorda um sujeito que se serve com os últimos descendentes de D. Fafes.

Ao sul, em S. Martinho, campeava a Torre dos Motas. Ali vivera Mem de Gundar, coevo do conde D. Henrique. E, defronte, ao norte, o solar torreado dos Machados, edificado por aquele D. Martim, que lascou a machado as portas de Santarém, quando Afonso Henriques desengastou do crescente sarraceno a tão disputada joia da sua coroa vacilante.

Estas referências históricas decerto não preocupavam o ânimo de João Veríssimo. Os monumentos da velha Galiza, aquelas relíquias dos netos de Pelágio não lhe proponderavam tanto no espírito como os seis anos da criança que não tinha mãe, e não sabia a quem dar nome de pai.

À entrada de Rendufinho, o professor bateu no portal da casa de um padre que havia sido seu condiscípulo em latim.

– Madrugaste, João! – disse o clérigo – A que vens?

– À procura do pai dum esfarrapadinho da tua freguesia. Conheces um pequeno de seis anos, que pede esmola, e é filho duma jornaleira, falecida há cinco anos, que trabalhava em casa do Tibúrcio de Cima-de-Vila³?

– Era a Carlota das Courelas; conheço o rapazito – respondeu padre Bento com desnatural empeço na voz.

– Sabes quem seja o pai dele?

– Sei o que por aí se disse a tal respeito. Essa mulher veio ainda muito nova servir em nossa casa; mas aí pelos dezoito anos, pegou de doudejar, e minha mãe impontou-a. Quando ela apareceu com o filho, disse muita gente que o pai da criança era o Tibúrcio de Cima-de-Vila⁴. Eu não sei decerto...

– Pois claro é que tu ao certo não podes saber isso, padre Bento; – obtemperou João Veríssimo – porém, dizes tu que é voz pública ser Tibúrcio o pai do pobrezito...

– Sim... é o que corre – afirmou o padre embaraçado, não sabemos porquê, talvez escrúpulo do consentir num boato duvidoso.

– Ora olha tu – voltou o outro – que eu increpei asperamente o Tibúrcio, quando o filho dele, que é meu discípulo, me disse que o rapazinho pernoitava sabia Deus por onde! Há presságios que só se explicam por influxo providencial!... Pois sabes tu que mais? Estou resolvido a procurar o Tibúrcio, e a dizer-lhe que proteja aquele menino, embora o não trate como filho. Que te parece?

– Parece-me que não fazes nada... – acudiu sem detença o padre – Deixa-te disso... que não lhe apanhas vintém...

– Se nada fizer, é porque a opinião pública está enganada a respeito da filiação do rapaz. Se o Tibúrcio é pai, há de atender-me, hei de tocar-lhe o coração. Que os homens são maus; isso é da Bíblia; mas que os pais são bons, isso é do céu, é graça que de lá desce com as almas inocentes das criancinhas. Suceda o que suceder, lá vou.

– Não fazes nada, João... – insistiu o padre – Olha que o Tibúrcio é um selvagem, que não te percebe, se lá fores com discursos e retóricas. Manda-te logo dizer o que pretendes pelo claro; e, assim que tu lhe falares em filho natural, nem o diabo tem mão nele. Verás que te manda pôr no olho da rua.

– E eu obedeço-lhe, sacudindo na sua testada o pó dos meus sapatos.

– Toma o meu conselho... –olveu o padre – Pede-lhe uma esmola para vestir o rapaz; mas não lhe dês a perceber que o julgas pai; e, mais ao diante, pode ser que se te ajeite boa ocasião de lho ir inculcando como filho.

– Acho-te razão, padre Bento – condescendeu o mestre, refletindo
– Tenho assim dois meios por onde chegarei ao meu propósito: se é pai, falo-lhe ao coração; se não é, movo-lhe a caridade...

– Justamente.

– E por um dos dois sentimentos conseguirei que ele o proteja, que o recolha, e o alimente e o vista, enquanto eu o vou habilitando para o negócio. Está decidido. Abraço-te pelo prudente conselho, e cá vou. O que passar, contar-to-ei.

– Pois vai. Torno a recomendar-te que nem por sombra lhe deixes desconfiar que tu suspeitas que ele seja o pai do rapaz...

– Intendi, padre Bento, intendi. Até logo.